

“Sou autista. Sou cidadão. Tenho direito a Inclusão.”¹

*Ana Paula Ferrari

Sou mãe de um menino lindo com autismo, Jonas, atualmente com sete anos. Meu menino foi diagnosticado com pouco mais de dois anos. Ele falava e já identificava letras e números. Não teve atraso motor significativo. Ao entrar para uma escola particular perto de casa, na educação infantil, apresentou crises nervosas mais intensas e regrediu em seu desenvolvimento. Foi então que tivemos acesso ao diagnóstico. Esse processo foi longo e dolorido.

Morávamos em Brasília-DF. Como pesquisadora social, sempre me questioneei muito: “até que ponto meu filho tem autismo e eu estou criando o autismo?”, por exemplo. Com tantas reflexões, cheguei a algumas conclusões inconclusas, mas duas das quais gosto de afirmar: “meu filho tem autismo, mas **o autismo não o tem**” e “**meu filho tem direito**; o direito é dele nem mesmo eu, mãe, tenho o direito de tirar o direito dele”. Por exemplo, direito à escola regular, ao trabalho quando a idade permitir, a casar-se quando o amor chegar...

Muita coisa aconteceu nesses sete anos de Jonas... De Brasília, mudamo-nos para o Rio de Janeiro, onde conheci e experimentei o apoio das mães azuis e fui amparada pelo Movimento do Orgulho Autista do Brasil, o Moab, naquele estado. O autismo provocou perdas, mas também está sendo uma grande oportunidade de ampliar minhas relações sociais, desenvolver habilidades como a resiliência, a persistência e a criatividade, numa intensidade nunca imaginada por mim.

Estudar áreas como neurociência, inclusão social e psicologia passou a ser minha prática cotidiana mais verdadeira na construção do caminho sem volta da militância cidadã, exercida com sentimento em favor de um Brasil que está sendo chamado a aguçar os sentidos e se aproximar desse universo.

De desprezado, excluído e discriminado por escolas particulares, Jonas passou a ser o centro do afeto da turma de uma escola pública em Niterói-RJ, quando conquistou amigos e até uma namorada. Foram momentos maravilhosos que podem ser multiplicados e vividos por diversas pessoas nos mais variados locais do país e do mundo. De fato, já estão sendo. A Secretaria de Educação de Niterói transformou essa experiência em encontros para profissionais de educação e familiares de pessoas com autismo e criou um curso específico sobre o tema para a rede de escolas do município.

Em Goiânia-GO, nosso processo de aprendizado tem dado saltos. Aqui fomos acolhidos por uma instituição especializada do município e agora por uma escola regular particular inclusiva, que ouve e tenta pôr em prática a legislação, fazendo do presente o seu tempo atual. As leis mais específicas são recentes: a Lei Berenice Piana (2.764/12) e

¹ Lema de 2017 do Moab Goiânia e Goiás. Frase estampada na faixa do Moab e Associação das Famílias e Amigos dos Autistas de Goiás (Afaag) e nas manifestações de 02 de abril de 2017 no estado.

a Lei Brasileira de Inclusão (13.146/15). Aqui, formamos o grupo *Voluntários da Turminha*, em alusão a Turma da Mônica que tem o “André” como seu personagem principal (para nós da causa azul, né?! Risos). Por gratidão às mães azuis do Rio de Janeiro, trouxe o Moab para Goiás. Quantas ações conseguimos realizar, mostrando e vivendo a inclusão em espaços sociais como cinema, parques, chácaras, shoppings, brinquedotecas, igrejas e agora mais recentemente em academias e clubes. Realizamos dezenas de palestras, oficinas e alguns cursos sobre temas de saúde, bem-estar e desenvolvimento humano. Em 2017, já celebramos um núcleo de estudos sobre inclusão, instalado no mês de março na capital. O Núcleo “*Inclui*” da Faculdade Araguaia já oferece reuniões gratuitas quinzenais e terá uma pós-graduação.

Para fomentar esse momento histórico de luta e conquistas, o Moab Goiânia elaborou uma proposta para as escolas regulares que queiram ser inclusivas. O “Projeto Autismo nas Escolas: Inclusão na rede regular” em breve estará disponível como um primeiro documento para suscitar debates e compartilhar experiências potencialmente vitoriosas. Ele chega aprimorado pela influência de conceitos e práticas de cidadania e de direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Muitas emoções já vivemos na capital goiana, graças a pessoas solidárias, interessadas e estudiosas. Desejo que “*abril*” possa abrir diversos corações, mentes e sorrisos para que possamos falar com orgulho sobre o autismo. Eu, aprendiz da vida, do meu amado filho, a quem chamo carinhosamente de *Mestre Jonas*, aceito o desafio e a oportunidade de fazer uma nova ciência contribuindo para as práticas culturais e pedagógicas inovadoras.

*Pesquisadora social. Mestre em Jornalismo e Sociedade pela UnB, coordenadora do Moab Goiânia – GO e do grupo *Voluntários da Turminha*. É casada e mãe de dois meninos: Jonas e João Paulo. Contato: voluntariosdaturminha@gmail.com